

SHA - CÂMARA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS, LETRAS E ARTES ( PÔSTER )

NOME: NATHALIA CUNHA POLESE

TÍTULO: CRIANÇAS INDÍGENAS DAS ALDEIAS AVA-CANOEIROS E JAVAÉ (FORMOSO DO ARAGUAIA - TO): RELAÇÃO ENTRE CULTURA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

AUTORES: NATHALIA CUNHA POLESE, KARLA CUNHA PÁDUA

ORIENTADOR:

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): CAPES

PALAVRA CHAVE: infância indígena, educação, interculturalidade

## RESUMO

A criança é um ser em constante construção. Cultura e Educação estão entrelaçadas ao mundo infantil, sendo que as crianças desenvolvem um olhar específico e diferente dos adultos sobre os acontecimentos cotidianos que as cercam. No entanto, a infância indígena difere de outras infâncias, na especificidade de suas experiências sociais, culturais e educacionais. Esta pesquisa busca investigar a maneira como as crianças indígenas das etnias Javaé e Ava-Canoeiros transitam entre as suas culturas infantis e o que vivenciam no universo escolar; compreender a criança indígena e o modo como elas definem a infância em que vivem; analisar a relação das crianças indígenas com os modos escolares de construção do conhecimento e identificar os modos específicos de socialização das crianças indígenas, considerando as influências múltiplas que recebem do contexto intercultural em que vivem. Para isto, optou-se pela pesquisa de cunho etnográfico, dentro de uma abordagem antropológica para desvelar este universo da infância indígena, utilizando o instrumento principal da observação participante. As crianças pesquisadas são socializadas no modo de vida indígena, na convivência com seus pares, com os adultos, com os irmãos mais velhos, nos diferentes contextos da vida da aldeia, nas conversas, nas andanças, nos rituais coletivos, e também na escola. A pesquisa de campo está sendo realizada na aldeia Kanuanã, localizada em Formoso do Araguaia, estado do Tocantins, onde residem cerca de 1200 indígenas das etnias Ava-Canoeiros e Javaé. A aldeia se situa às margens do rio Araguaia, que faz fronteira com a escola da Fundação Bradesco, em torno da qual foi construída outra comunidade, na qual residem funcionários como professores, auxiliares administrativos, agrônomos e psicólogos. Este contexto favorece o estabelecimento de relações de interculturalidade com o mundo "dos brancos", que observamos também nos casamentos entre índios/as e não-índios e na presença constante de não índios na aldeia, como professores/as, diretores da escola, agentes de saúde e turistas. Algumas crianças da aldeia estudam na escola da Fundação Bradesco, mas o acesso a esta escola depende da aprovação em um processo seletivo no qual é determinante o domínio da língua portuguesa. Vale ressaltar que, na aldeia Kanuanã, a língua materna (falada e entendida) é o Inã, e só a partir da escolarização que a criança tem a possibilidade de aprender o português através do ensino bilíngue. Na pesquisa realizada, sob o olhar das crianças, a escola indígena da aldeia parece ocupar um lugar de menor valor que a escola da Fundação Bradesco. Estas aspiram por conhecimentos que lhes abram oportunidades de um futuro melhor para si e para sua comunidade, considerando que os saberes transmitidos na escola da Fundação Bradesco são superiores aos ensinados na escola da aldeia. Estas crianças, socializadas no modo de vida indígena, constroem saberes sobre o mundo a sua volta, na convivência cotidiana com a sua comunidade. Interagem ativamente com seus pares e com o mundo adulto nos diferentes contextos da vida da aldeia, nos quais transitam de maneira autônoma e conversam entre si, utilizando argumentações complexas que revelam o seu olhar sobre a vida, suas expectativas a respeito da escola e do futuro. Este processo de socialização entre pares e com o mundo adulto, de dentro e de fora da aldeia, é rico em aprendizagens, nas quais as crianças se apropriam, reproduzem e transformam. Até o momento, foram realizadas duas visitas à aldeia, durante as quais privilegiamos aproximações com as crianças, utilizando recursos diversos, tais como diálogos informais, andanças pela comunidade com registros fotográficos realizados pelas próprias crianças e desenvolvimento de atividades lúdicas, como desenhos livres e pintura. Até o momento, a pesquisa vem apontando que crianças de famílias com pais ou mães brancos e que dominam a língua portuguesa têm maiores chances de acesso à escola da Fundação Bradesco, considerada pelas próprias crianças uma escola melhor, onde podem ter maiores oportunidades de aprendizagem.